

G Ê N E R O em perspectiva

Larissa Ferreira
(organizadora)



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Larissa Ferreira
(Organizadora)

GÊNERO EM PERSPECTIVA

Editora CRV
Curitiba – Brasil
2020

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Designers da Editora CRV
Arte de Capa: StockVectorsIllustrations/Shutterstock.com
Revisão: Analista de Escrita e Artes

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE
Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

G324

Gênero em perspectiva / Larissa Ferreira (organizadora) – Curitiba: CRV, 2020.
194 p.

Bibliografia

ISBN Digital 978-65-5578-995-9

ISBN Físico 978-65-5578-992-8

DOI 10.24824/978655578992.8

1. Educação 2. Questões de gênero 3. Equidade I. Ferreira, Larissa. org. II. Título III. Série.

CDU 37

CDD 370.19345

Índice para catálogo sistemático

1. Educação – gênero 370.19345

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL
EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2020

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 – E-mail: sac@editoracrv.com.br

Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Conselho Editorial:

Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Anselmo Alencar Colares (UFOPA)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)
Carlos Federico Domínguez Avila (Unieuro)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerónimo Tello (Univer. Nacional
Três de Febrero – Argentina)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)
Elíone Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Élso José Corá (UFSF)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Gloria Fariñas León (Universidade
de La Havana – Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade
de La Havana – Cuba)
Helmuth Krüger (UCP)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lídia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Comitê Científico:

Altair Alberto Fávero (UPF)
Ana Chrystina Venancio Mignot (UERJ)
Andréia N. Militão (UEMS)
Anna Augusta Sampaio de Oliveira (UNESP)
Barbara Coelho Neves (UFBA)
Cesar Gerónimo Tello (Universidad Nacional
de Três de Febrero – Argentina)
Diosnel Centurion (Univ Americ. de Asunción – Py)
Eliane Rose Maio (UEM)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Fauston Negreiros (UFPI)
Francisco Ari de Andrade (UFC)
Gláucia Maria dos Santos Jorge (UFOP)
Helder Buenos Aires de Carvalho (UFPI)
Ilma Passos A. Veiga (UNICEUB)
Inês Bragança (UERJ)
José de Ribamar Sousa Pereira (UCB)
Jussara Fraga Portugal (UNEB)
Kilwanga Kya Kapitango-a-Samba (Unemat)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira (UNIVASF)
Marcos Vinicius Francisco (UNOESTE)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Eurácia Barreto de Andrade (UFRB)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Mohammed Elhajji (UFRJ)
Mônica Pereira dos Santos (UFRJ)
Najela Tavares Ujic (UTFPR)
Nilson José Machado (USP)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Sílvia Regina Canan (URI)
Sonia Maria Ferreira Koehler (UNISAL)
Suzana dos Santos Gomes (UFMG)
Vânia Alves Martins Chaigar (FURG)
Vera Lucia Gaspar (UDESC)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

CAPÍTULO 4

MASCULINIDADES, CUMPLICIDADE E MISOGINIA NA “CASA DOS HOMENS”: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil

Valeska Zanello¹

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

O Brasil caracteriza-se por ser um país sexista. Isso pode ser constatado através de vários dados, desde as taxas de violência contra as mulheres à posição que ocupamos em *rankings* mundiais – quando comparadas as taxas de incidência, em relação a outros países: somente em 2017, 221 mil mulheres procuraram delegacias de polícia para registrar episódios de agressão (lesão corporal dolosa) em decorrência de violência doméstica; tivemos uma média de 180 casos de estupros por dia, em 2018; e, em casos de feminicídio, ocupamos o quinto lugar (IPEA, 2014; ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019; WAISELFISZ, 2015).

No entanto, as taxas de incidência de violências, cuja população alvo não são as mulheres, também se apresentam bastante elevadas: em 2017, foram 65602 homicídios, sendo 75,5% dos casos, de indivíduos negros, sobretudo homens jovens (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019). “Homens morrem (assassinados) muito mais que mulheres”, é um discurso masculino que sempre escuto, nas minhas palestras pelo país afora, como contra-argumento quando o tema é feminicídio. E é um fato verdadeiro. Apenas o *pressuposto* assumido neste argumento para desmerecer os estudos de gênero é que está errado: ao invés de desconstruir a necessidade de se falar sobre gênero, reforça-a. Expliquemos melhor a razão.

Quando temos algum problema de saúde pública que alcança o nível epidêmico, como por exemplo, a dengue, quais são os procedimentos adotados para combatê-lo? O foco se concentra apenas na população alvo (em uma comunidade atingida) ou busca-se o vetor da doença, de modo a extingui-lo? No caso citado, o mosquito da dengue? Em analogia, quando se fala em violências contra mulheres e homens no Brasil: de quem se fala? Quem

1 Profa Associada do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília. e-mail: valeskazanello@gmail.com

está cometendo essas violências? Qual seria o vetor em comum? E aqui, precisamos sublinhar, são os homens e não as mulheres. São eles que matam mulheres e são eles que matam homens. E também: são eles que menos cuidam de si mesmos, morrem mais de acidentes automobilísticos e se suicidam de forma efetiva². E o que está por trás da letalidade do fator “homens”? Em quê ser “homem” favorece ou contribui para as violências? É sobre isso que o presente capítulo pretende discorrer e, para tanto, retomar uma abordagem de gênero, ao tratar o tema em uma perspectiva histórica e cultural. Assim, parte-se do princípio que não se nasce homem, torna-se homem. Ou seja, existem certas formas de masculinidade que são interpeladas, pela cultura, em determinado momento histórico. No caso de nosso país, certa forma de masculinidade(hegemônica) que é danosa para os próprios homens e para todos e todas aqueles/aquelas com quem eles têm convivido.

Sobre os estudos das masculinidades e ser homem no Brasil

Os estudos das masculinidades surgiram na década de 70, a partir das contribuições da segunda onda do movimento feminista (GARCIA, 2001). Nesse momento, acreditava-se que havia diferenças físicas, anatômicas e biológicas, inquestionáveis e indubitáveis entre homens e mulheres, e «gênero» era compreendido como a construção social a partir dessas diferenças (NICHOLSON, 2000). São os famosos “papéis de gênero” ou “papéis sexuais”. Mulher e homem eram vistos como diferentes e, de certa forma, com papéis complementares, ainda que com distribuição desigual de poderes. O movimento de contestação a uma “essência” feminina, pautada na biologia, veio de grupos de mulheres que não se viam representadas nesse modelo de “mulher”: sobretudo, negras, latinas e lésbicas (PEDRO, 2011). Por outro lado, começaram a surgir, também, desacordos sobre o masculino representado no singular: da mesma forma que existem mulheres diversas, também haveria homens diferentes. Seria o caso dos homens gays, negros e latinos.

Os estudos das masculinidades seguiram, então, por dois caminhos diferentes: parte deles se manteve fiel ao contato e à troca com os movimentos feministas (entendendo gênero como categoria relacional e *dispostos* a pensar os privilégios de serem lidos como homens); outro grupo destacou-se dos movimentos de mulheres e passou a pesquisar as masculinidades como algo em si mesmo (por exemplo, os estudos junguianos), despolitizando as discussões (KIMMEL, 2011; KAUFMAN, 1999). No presente capítulo, seguiremos

2 Tentativas de suicídio são mais frequentes entre mulheres, mas suicídios efetivos ocorrem mais entre homens, em função da escolha de métodos mais letais (ver Ministério da Saúde, <http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/44404-novos-dados-reforcam-a-importancia-da-prevencao-do-suicidio>).

a linhagem do primeiro grupo, por entendermos gênero como uma categoria essencialmente política, que, como tal, é eminentemente relacional, passando pela distribuição desigualde poderes e privilégios. Ou seja, é impossível pensar as masculinidades sem relacioná-las às mulheres.

Segundo Badinter (1992), Welze-rlang (2001, 2008) e Kimmel (1998, 2009, 2016), importantes teóricos desse campo, a masculinidade se constrói no negativo e no imperativo: “Seja Homem!” é entendido como “Não seja uma mulherzinha!”. É comum entre os homens que se considere como pior xingamento a ser dado ou recebido o “viadinho!” (ZANELLO; GOMES, 2010). Trata-se, como já tive a chance de apontar em outra pesquisa (ZANELLO, 2018), de uma aparente homofobia, mas que esconde em seu fulcro uma misoginia³. Ou seja, há uma verdadeira pedagogia afetiva que ensina aos meninos que, para ser homem, há que serepudiar as mulheres e as características femininas. E é necessário dar à prova, a todo momento, esses afetos. Mas como eles são constituídos? Aqui abordaremos dois tópicos importantes: as tecnologias de gênero e a “casa dos homens”.

Depois das críticas que a definição de gênero recebeu, na segunda onda feminista, foram elaboradas outras concepções. Na terceira onda, cuja autora mais célebre é a filósofa Judith Butler, no final de década de 80, gênero passou a ser entendido como uma repetição estilizada de performances (BUTLER, 1990). Em outras palavras, trata-se de um *script* (assim como há um roteiro a ser encenado no teatro) construído histórica e socialmente, que aponta, sobretudo em sociedades sexistas, como performar/agir enquanto homem ou mulher. Um exemplo: sentar de pernas abertas em um ambiente público é performance interdita para mulheres, mas não para homens. Para elas, em geral, isso adquire um caráter sexual. Outro exemplo: chorar, em culturas sexistas como a brasileira, é um comportamento mal visto e desencorajado para os homens, pois seria sinal de fragilidade e sensibilidade exacerbada, coisas de “mulherzinha”. Mas, além de performances, é necessário pensar gênero não apenas como atos encenados repetida e inconscientemente, é necessário destacar que certos afetos e emoções são, também, configurados (ZANELLO, 2018).

Para isso, precisamos explicitar mecanismos sociais sutis, nem sempre visíveis, mas, nem por isso, menos eficazes que cultivam/interpelam essas emoções: tratam-se das tecnologias de gênero, de acordo com Lauretis (1984). Segundo a autora, são produtos culturais que não apenas retratam as representações, os valores e os ideais de gênero em um certo momento e cultura,

3 Mesmo entre grupos gays, considera-se como pior xingamento aqueles que se referem à características afeminadas: “baitola”, “pocpoc”, “bichinha” (CAVALCANTI; ZANELLO; ROMERO, 2015). Ou seja, subverter a orientação sexual heterossexual não necessariamente leva a uma subversão dos dispositivos de gênero (ZANELLO, 2018). Em outras palavras, o mundo gay, em geral, preserva o machismo e a misoginia.

mas, também, possuem caráter performativo, ou sejam, reafirmam e recriam esses mesmos valores. Em uma cultura como a nossa, na qual a realidade virtual assume papel primordial, as tecnologias de gênero mais importantes são as mídias (filmes, músicas, desenhos etc.).

Dentre os produtos culturais, disponíveis como tecnologia de gênero para os homens, destaca-se a pornografia⁴. A pornografia se constitui como uma péssima pedagogia afetiva para eles, não por questões morais, mas porque erogeniza a violência contra as mulheres e sua subjugação (BOURDIEU, 1998). E não só isso, ajuda consistentemente a configurar uma relação misógina “maquiada” dos homens com as mulheres, através da objetificação sexual. Se existe uma relação possível (e não fonte de ameaça à masculinidade), é sempre a que se dá através da ideia de domínio e controle. Assim, desde garotinhos, os meninos são interpelados com perguntas como “ela é sua namoradina?” (isso, com dois anos de idade), “dá um beijinho nela” (também na tenra idade), só para citar alguns exemplos. E um terror é sentido, como real ameaça, quando o envolvimento afetivo passa a acontecer em outros termos, como por exemplo, gostar simplesmente de estar e de brincar juntos (sobretudo, se for uma brincadeira de “menina”... “será que é GAY???”). Essas tecnologias de gênero permeiam nosso cotidiano, através de vários produtos e já escrevi sobre alguns deles em outros artigos⁵.

Outro fator importante na compreensão da configuração dos afetos e das performances das masculinidades é o que Daniel Welzer-lang (2011) denominou como “casa dos homens”. Trata-se de uma metáfora que aponta para o caráter altamente homoafetivo das masculinidades: quem avalia os homens são os próprios homens e não as mulheres⁶ (ZANELLO, 2018). Essa casa seria constituída por vários cômodos simbólicos e para atravessar de um a outro mais “alto” (especial), seria necessário ser avaliado por outros homens que já atravessaram as mesmas provas. O que gere a casa dos homens é a cumplicidade (KIMMEL, 2009, 2016). E esta cumplicidade comparece através de um silenciamento que visa proteger os “brothers” antes e acima de qualquer situação. Um exemplo: em casos de estupro coletivo, em uma universidade, não é incomum vermos garotos afirmarem que não violentaram a garota, mas se sentem sem *resposta* quando questionados sobre o porquê de

4 Só no Brasil, há pelo menos 22 milhões de brasileiros consumidores, sendo em sua maioria homens. <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>

5 Realizamos uma pesquisa detalhada sobre as músicas sertanejas como tecnologia de gênero e pedagogia afetiva efetiva na cultura brasileira. Ver Gama e Zanello (2019). Ver também a análise que fizemos dos desenhos da Disney como tecnologias de gênero (AZEVEDO, ZANELLO, 2014).

6 Isso explica porque ao ter acesso a uma mulher bem localizada na prateleira do amor (considerada bonita e gostosa), o contar para os amigos, às vezes, é mais prazeroso do que estar com ela propriamente dito. Trata-se de um gozo narcísico.

não terem feito nada para parar o colega, chamado outra pessoa e, sobretudo, porque não denunciaram o outro homem.

Os homens se protegem uns aos outros (em situações que vão desde a traição à violência contra mulheres), ainda que não concordem com o ato cometido. O que está em xeque é o ser aceito na casa dos homens. Uma contribuição freudiana pode aqui ser esclarecedora (FREUD, 2011). Segundo esse autor, em *Psicologia das Massas*, o sentimento mais importante na construção da coesão de um grupo e da sensação de pertencimento identitário a ele, é o repúdio. Como já expliquei anteriormente, a masculinidade se constrói sobre um repúdio específico, a misoginia, sendo ela a argamassa afetiva da casa dos homens. O que causa confusão são as diversas feições que esse repúdio (misógino) pode tomar: algumas são claras, como as que podemos encontrar nos discursos antifeministas ou no próprio feminicídio; outras, porém, parecem exaltar as mulheres⁷, como é o caso da objetificação sexual.

O objetivo do presente capítulo foi analisar as masculinidades e a misoginia no funcionamento da lógica da casa dos homens, brasileiros, em grupos exclusivamente masculinos de whatsapp.

Método

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, através da coleta e análise de dados informados por 6 homens diferentes acerca de um dos grupos masculinos dos quais eram membros, no whatsapp. A participação foi voluntária e se deu após palestras ministradas, pelo país, pela autora, depois de desafiar os homens a ajudarem a desconstruir o silêncio cúmplice que rege a broderagem da casa dos homens. Um deles enviou *posts* e informações compartilhados no grupo por um período de 4 meses; 3, por um período de dois meses e meio; e dois, por menos de um mês. Os grupos dos quais participavam cada um dos informantes

7 Para entender as razões dessa “confusão” provocada nas próprias mulheres, teria que adentrar na explicação do funcionamento dos dispositivos de gênero a elas relacionados, sobretudo o dispositivo amoroso. De forma sucinta, posso destacar que as mulheres brasileiras se subjetivam pelo dispositivo amoroso: elas se subjetivam na prateleira do amor, na qual a grande questão é ser escolhida para ser legitimada como mulher. Essa prateleira é regida por um ideal estético, construído do início do século passado para cá, o qual é branco, loiro, magro e jovem. Quanto mais distante desse ideal, pior o lugar assumido na prateleira, e maior o preterimento afetivo interpelado nos homens em relação a elas. Quanto pior o lugar (mais para trás), mais facilmente são vistas exclusivamente pelo prisma da objetificação sexual: servem para ser “comidas”, mas não amadas. Muitas mulheres aprendem a se objetificar sexualmente para terem chances de serem escolhidas na prateleira. Isso acaba constituindo, em muitos casos, um mecanismo perverso: de um lado a auto-objetificação, mas esperando receber afeto (e ser escolhida); de outro, o uso, sem comprometimento afetivo (também se interpela nos homens esse desligamento emocional: um verdadeiro homem deve “curtir”, mas não se apegar). Ser objetificada é confundido com o ser notada e escolhida. Quando uma mulher é objetificada sexualmente, ela aprende a tirar prazer do desejo que ela é capaz de provocar. Trata-se de uma realização narcísica, marcada por um narcisismo claramente genderado. Para entender melhor, ver Zanello (2018).

eram compostos por homens com características sociodemográficas distintas: as idades variaram de 20 a 67 anos; 4 grupos eram compostos por sujeitos de classe média e dois, de média alta. Havia homens brancos e negros, e nenhum homem homossexual assumido. Os grupos tinham membros de diversas regiões brasileiras. Foram coletados 634 posts. Muitos *posts* eram comuns a mais de um grupo (o mesmo *post* foi recebido por mais de um informante), apontando a alta circulação de certas imagens, representações e ideias nesses grupos, bem como entre eles. O grupo não soube que seus *posts* seriam enviados para a pesquisadora, para evitar alteração do funcionamento dele. Tomou-se todo cuidado, nesse sentido, de retirar qualquer referência que pudesse identificar o referido grupo. Na verdade, esse cuidado foi executado pelos próprios ajudantes, tamanho medo de que se efetuasse, literalmente, uma “traição aos brothers”. Um deles, inclusive, brincou comigo: “Eu mostro o milagre, mas não mostro o santo”. As imagens foram arquivadas em uma pasta e, depois, analisadas e organizadas, pela análise de conteúdo (BARDIN, 1977) em categorias, as quais foram avaliadas de acordo com sua frequência e repetição. Ao todo, foram elencadas 6 categorias mais frequentes, que serão relatadas e exemplificadas (com imagens), a seguir.

Resultados e Discussão

Ao todo, foram elencadas 6 categorias, a saber: 1) objetificação sexual das mulheres como prova/dar a ver que se é homem; 2) ser homem é não ser gay; 3) Homem é guiado pelo sexo (*versus* poder das mulheres é a “buceta”⁸); 4) relação semântica entre mulher e comida; 5) mulher gosta é de dinheiro; 6) riso e cumplicidade face a violências cometidas contra as mulheres. Abaixo será apresentada cada categoria, sua explicação e ilustração com imagens capturadas dos *posts*.

1) Objetificação sexual das mulheres como prova/dar a ver que se é homem

Essa categoria, a mais recorrente e volumosa nos compartilhamentos, ressalta uma forma de repúdio misógino que toma a feição da objetificação sexual. As mulheres são vistas como *coisas* sexuais, como podemos ver na

8 Optou-se por manter a linguagem utilizada, corriqueiramente, pelos próprios grupos, para trazer à baila uma semântica própria da broderagem e já associada a certa forma de um olhar (treinado na masculinidade hegemônica) sobre as mulheres, o qual é interpelado e deve ser compartilhado (para pertencer ao grupo da casa dos homens). Nesse sentido, usar o termo “vagina” estaria longe dessa dinâmica. Sobre o papel das palavras e a psicodinâmica envolvida, ver Arango (1991).

imagem abaixo, na qual a mulher “perfeita” é retratada como tendo duas partes inferiores do tronco, com duas bucetas e cus, sem cabeça nem rosto:

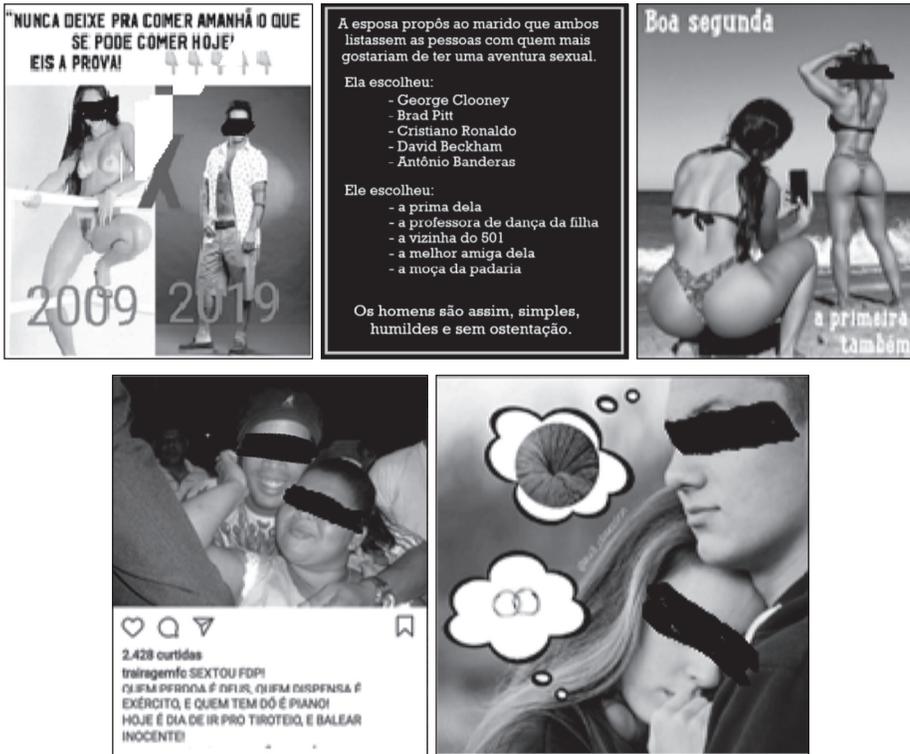


Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Um verdadeiro “macho” é entendido como aquele que aproveita todas as chances de “comer” uma mulher ou de, pelo menos, vê-la como uma possível presa. Nas imagens abaixo, vemos a referência a um famoso trans brasileiro e a afirmação de que se perdeu a oportunidade de comê-lo, quando ainda era mulher. Na segunda imagem, realiza-se uma comparação entre o desejo das mulheres e dos homens. No caso delas, ressalta-se a romantização e a idealização (beirando a impossibilidade do desejo, visto este se dar por ídolos que não fazem parte do cotidiano dessas mulheres), enquanto no caso deles, a preferência é por todas as mulheres com as quais convivem, tais como a prima da esposa, a professora de dança da filha, a vizinha, a melhor amiga dela e a moça da padaria. Por fim, na terceira, trata-se de um *post* para desejar uma “boa segunda” no grupo, usando os corpos de duas mulheres e “brincando” que a primeira também é boa. No quarto *post*, temos a imagem de um famoso jogador de futebol, abraçado a uma mulher negra e gorda, com os seguintes dizeres: “Quem perdoa é deus, quem dispensa é exército e quem tem dó é piano! Hoje é dia de ir pro tiroteio e balear inocente”. A ideia é a de que um homem, de verdade, está sempre à caça e que “se caiu na rede, é peixe”⁹. Por fim, na última imagem, vemos um casal se abraçando. Enquanto a moça pensa nas alianças de casamento (outra forma de chamar a atenção para o mundo romantizado e iludido das mulheres), o homem deseja comer o cú da

9 Destaca-se, também, a representação do sexo como tiroteio e, portanto, do pênis como uma pistola. Essa associação é frequente e comum em nossa cultura. Ver Zanella (2018).

mulher. Aqui, preciso apontar um paradoxo: mesmo que o cu seja, talvez, o órgão sexual mais democrático (todo mundo tem um¹⁰ e ele não tem sexo), na casa dos homens é possível desejar apenas o cu de uma mulher, sem que se coloque em xeque a própria masculinidade. No caso do cu delas, trata-se, no imaginário masculino, de conquistar uma última “fronteira” e ser o marco final de domínio, controle e subjugação.



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

A objetificação sexual das mulheres apareceu marcada por várias interseccionalidades importantes, dentre as quais podemos destacar, em ordem de recorrência: lipofobia, racismo; etarismo.

1.1) Lipofobia

Trata-se de um tema recorrente na forma de objetificação sexual das mulheres, no qual se exaltam como “gostasas”, as mulheres esbeltas e magras, e se faz escárnio com as mulheres obesas. Abaixo, podemos ver exemplos desses *posts*:

10 Ver Preciado (2002) e Sáez e Carrascosa (2016).

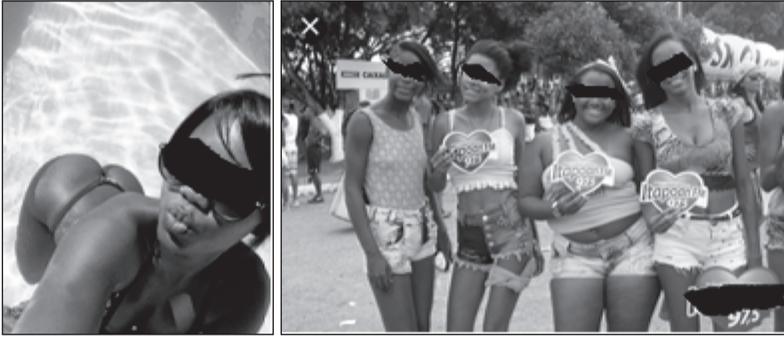


No primeiro, escancara-se a ideia de que mulheres gordas são altamente repudiáveis e, no segundo, que para comer uma mulher basta um corpo magro e esbelto, sem nada mais ter importância. O terceiro *post* faz escárnio e piada da mulher gorda, quando comparada à magra. E, por fim, temos um *post* do “Joaquim Teixeira”, personagem famoso na casa dos homens no Whatsapp. O texto apresenta a ideia de que ele estará disponível para transar com mulheres gordas e que isso é tão raro, que elas devem aproveitar, pois “será de graça”.

1.2) Racismo

O racismo também apareceu de forma recorrente, porém em duas formas de expressão misóginas: mulheres como puro objeto sexualizado, de um lado, e, de outro, como escárnio e motivo de riso (“barangas”). Imagens de corpos de mulheres negras, nuas ou seminuas, ou de suas bundas, peitos e bucetas, foram frequentes, como podemos ver na imagem 1. Bucetas, seios e cus de mulheres brancas também foram amplamente partilhados e, quase sempre, colocados como objeto mais desejável que bucetas e cus escuros, sobretudo quando eram “rosa”. No outro *post*, temos uma foto de uma festa popular, com mulheres negras tidas como não esbeltas e associadas, numa

visão classista, ao “populacho”. Nesses casos, dignas de escárnio e risada. Como apontado na parte de descrição dos grupos de homens dos whatsapp estudados, havia homens negros em todos eles, mas o silêncio cúmplice se fez patente: nenhum comentário foi feito que protegesse, via identificação racial, as mulheres negras. Pelo contrário, alguns chegaram a compartilhar fotos de mulheres negras.



2.3.) Etarismo

Neste tema, foi enfatizada a ideia de que uma mulher velha não é desejável, mas pode ser uma opção ou quando não há disponibilidade de outra mulher, ou quando se está no fim da festa ou da noite. Nesse caso, também houve a objetificação sexual da mulher velha, cujo corpo, apesar de ser visto como “decrépito”, ainda pode ter certa funcionalidade para os homens. Exatamente porque seria uma mulher indesejável, pela velhice, transar com ela é representado como um ato de caridade ou total falta de opção, mas que mesmo assim, um homem “de verdade” não dispensaria. Caridade pela qual ela deveria agradecer e se voluntariar.



Na categoria “objetificação sexual das mulheres” também apareceu a objetificação de mulheres em cargos públicos/políticos (ou sua execração, por serem consideradas não passíveis de serem desejadas sexualmente, devido à suposta feiúra- gordura, fenótipo racial ou velhice), como foi o caso de Dilma Roussef, Benedita Silva ou Joyce Hasselman¹¹. Além disso, o olhar de objetificação sexual perpassou a discussão de quase todos os assuntos, inclusive os mais sérios e dramáticos para o país, na época, tais como a preservação do meio ambiente, o massacre das populações indígenas, dia nacional da consciência negra e a campanha da conscientização do câncer de mama. Abaixo, selecionamos quatro exemplos de imagens, referentes a cada um deles.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização



No primeiro, cujo título é “Isso sim é destruir sonhos!”, vemos o escárnio com a jovem líder ambiental Greta Thunberg, referindo-se a ela como uma decadência da antiga mulher sueca, “apetitosa” sexualmente para o desejo

11 Importante destacar que essa objetificação independe do partido político ou adesão ideológica de esquerda ou direita.

masculino¹². O *post* compara “a sueca da minha juventude” (loira, jovem e esbelta) e “a sueca de hoje” (a jovem). Na segunda, temos um *post* que vinha acompanhado com a seguinte frase: “Apoiamos as causas indígenas”. Na imagem, vê-se uma mulher branca, bronzeada, com o corpo quase nu (e modelado, de academia), exibindo apenas uma pintura qualquer no rosto e um brinco de penas. Na terceira imagem, temos um exemplo de uma série de fotografias de corpos, e partes de corpos de mulheres negras, que foram altamente compartilhados no dia da “consciência negra”. A série de fotos vinha acompanhada de frases como “Viva a consciência negra”. Aqui, como no caso das discussões das questões indígenas, faz-se referência que pouco importa verdadeiramente essas discussões (por exemplo, sobre o massacre das etnias e o genocídio da população negra), o suposto apoio que se dá (motivo para risos) é a variabilidade de mais mulheres como corpos consumíveis para o sexo. Por fim, a última imagem se utiliza da mesma lógica de objetificação sexual, para tratar um tema caro às mulheres: o alto índice de mortalidade pelo câncer de mama. A ideia que se firma é que os homens apoiam o “outubro rosa”: aqui também circulou uma série de mulheres nuas ou seminuas, com alguma vestimenta rosa (calcinha fio dental, véu etc.) e a frase “Total apoio ao outubro rosa”.

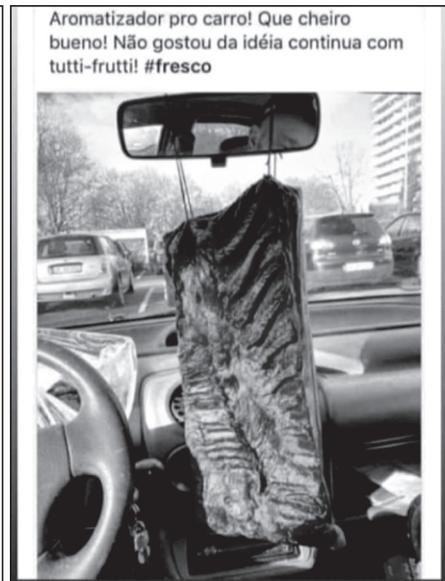
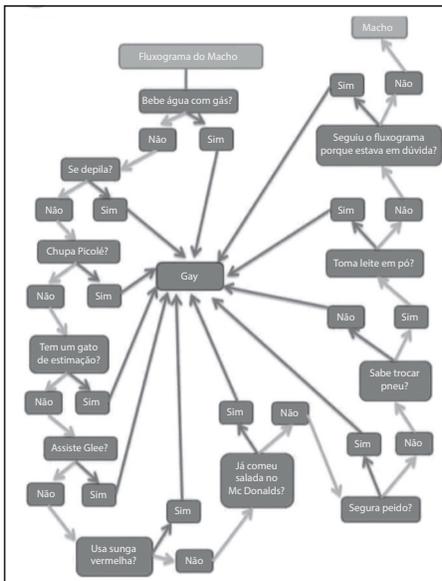
2) Ser homem é não ser gay (homofobia): misoginia

Nessa categoria, foram englobados *posts*, comentários e compartilhamentos que, de um lado, tanto representam “gays” como homens afeminados (ou relacionados a qualidades tidas como femininas), quanto a performances sexuais banidas na casa homens, sendo elas, o não compartilhamento da objetificação sexual de mulheres (ou de não dar sinais disso) e o prazer ou experiência no sexo anal. Em relação ao não compartilhamento da objetificação sexual de mulheres (forma de repúdio tomada pela misoginia no Brasil), isso se tornou ainda mais evidente nos comentários entre os membros dos grupos, sendo recorrente tomar um de seus participantes, ainda que através de “brincadeiras”, como “bode expiatório”, ou quando fazia um comentário inadequado, ou quando deixava de se expressar face a algum *post* que provaria, aos outros homens, sua masculinidade. Um exemplo, nesse sentido, foi o compartilhamento de um *post* sobre “Chupar buceta faz bem à saúde!”, junto com um comentário, em tom jocoso, se referindo a outro integrante: “Coisa que FULANO nunca vai entender”.

12 Em período de alta incidência de queimadas na Amazônia (setembro e outubro de 2019), foram compartilhados *posts* fazendo referência à ideia de que o desmatamento sempre ocorreu e, usando para isso, fotos de virilhas de celebridades femininas, comparando um “antes”, peludo, e outro, supostamente atual, depilado.

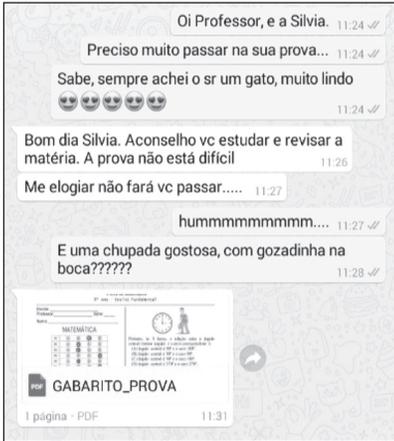
Abaixo, temos dois exemplos da categoria “ser homem é não ser gay”. Na primeira imagem, trata-se de um “teste” de gayzice, no qual comparecem questões como: “Bebe água com gás? Você se depila? Chupa picolé? Tem um gato de estimação? Assiste Glee? Usa sunga vermelha? Já comeu salada no McDonald’s? Segura peido? Sabe trocar pneu? Toma leite em pó? Seguiu o fluxograma porque estava em dúvida?”. Ou seja, além de uma série de performances que devem ser evitadas, pois se relacionam, no imaginário, ao universo feminino, aponta-se que um “verdadeiro macho” nunca se questiona sobre isso. Na segunda imagem, vê-se a ideia de uma masculinidade associada à insensibilidade (quem liga para um bom cheiro são gays ou mulherzinhas).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização



3) O homem é guiado pelo sexo (x o poder da mulher é a buceta)

Nessa categoria, foram agrupados os *posts* que representam o desejo sexual masculino como sendo irrefreável, ou seja, ao qual é impossível de se renunciar, fazendo com que os homens ajam, muitas vezes, de forma impenhada, incontrolável ou antiética (mas que seria desculpável, compreensível e, até, risível). Como contrapartida, o poder das mulheres é representado por possuírem bucetas ou serem capazes de oferecer prazer sexual aos homens. E não só isso, a buceta é vista como moeda de troca potente, que dá acesso às coisas materiais e apresenta-se como “forma de pagamento” possível. Abaixo temos alguns exemplos desses *posts*.



No primeiro, trata-se de foto de uma suposta troca de mensagens entre um professor e uma aluna. Ela diz a ele que precisa muito passar na prova e o elogia como “gato” e “lindo”. O professor aconselha que ela estude e afirma que elogiá-lo não a fará passar na prova. Ela então se oferece para fazer sexo oral nele. E, então, o professor envia o gabarito do certame. No segundo *post*, compara-se o comportamento de um homem ao beber a água do amigo (Trocar salivas? Jamais!) e qual seria o comportamento com uma mulher que se acabou de conhecer (capaz de colocar a boca no cudela). No terceiro *post*, há uma referência ao poder da buceta de uma mulher e o quanto ela é capaz de destruir tudo o que um homem construiu (ele ficaria tão enredado no próprio desejo, que colocaria tudo a perder). Na última imagem, vemos duas crianças, uma menina e um menino. A menina diz para ele que, com sua buceta, vai controlar sua vida, e tomar seu dinheiro e casa.

Nesse tema, também apareceu a ideia de que uma mulher “inteligente” sabe usar de seu “poder” para manipular os homens. E, também, como é

possível usar a buceta como “xerecard” (também há outros posts, nos quais aparece a opção de “cuvisa”), produto de valor capaz de “acertar as contas” com os homens. Por fim, o homem “de verdade” é representado como aquele que, apesar de ser guiado pelo sexo, sabe evitar se comprometer através do namoro ou casamento, como podemos ver nas imagens abaixo.

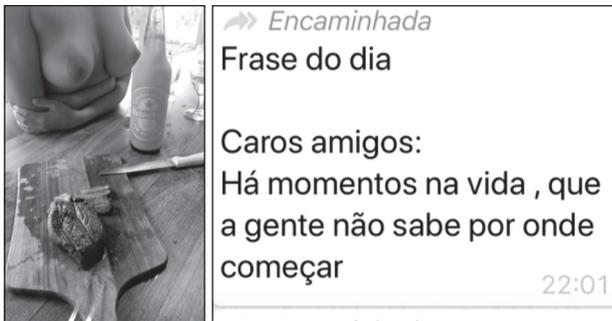
Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização



4) Relação entre mulher e comida (sobretudo “carne”)

Nessa categoria, foram agrupados os *posts* que relacionam mulheres à comida. Ou seja, mulheres são vistas como algo que se “come”, assim como se consome carne e cerveja. De todos os alimentos utilizados, a carne foi o mais frequente. Tal vizinhança semântica, no universo masculino, no ocidente, foi amplamente pesquisada e detalhada por Carol Adams (2012), em *A política sexual da carne*. Historicamente, comer carne foi relacionado à virilidade (coisa de “macho”) e a noção de disponibilidade de corpos femininos aos homens firmou-se juntamente com a ideia de que os corpos de animais (e seus produtos, sobretudo de fêmeas, leite e ovos) são bens disponíveis e exploráveis. Abaixo, escolhemos alguns *posts* que ilustram essa ideia. No primeiro,

há uma imagem de seios femininos (um corpo de mulher sem rosto¹³), um pedaço de churrasco (parte do corpo de um boi ou uma vaca morta) e uma cerveja gelada, com a seguinte frase “Caros amigos: Há momento na vida, que a gente não sabe por onde começar”. No segundo *post*, temos a foto de um rapaz acompanhado de duas moças brancas, jovens e esbeltas. Como o rapaz é reconhecidamente gay, faz-se a menção de que não come carne: “Um vegano na churrascaria”. É importante destacar que, nas conversas dos grupos, não foi incomum “brincadeiras” e referências a homens veganos como gays, boiolas ou afeminados; ou seja, trata-se de um homem que não performa ou exerce plenamente sua masculinidade. Assim, um “verdadeiro” homem, macho, come literalmente carne de animais e, metaforicamente, de mulheres.



5) Mulher gosta é de dinheiro

Nessa categoria, foram agrupados os *posts* que se referem à representação de que mulheres, em geral, gostam de dinheiro e não de sexo ou do homem

13 Segundo, Levinas (1988), é o rosto que traz a alteridade radical do outro, a interpessoalidade, na qual pode se instaurar a própria ética.

e, para obtê-lo, são capazes de usar (como explicado anteriormente) o poder de terem bucetas. Abaixo selecionamos três imagens que exemplificam essa ideia. Na primeira, temos o recorte da púbis de uma mulher com calcinha, com o dizer “Aceito todos os cartões”. Na segunda, vê-se a foto de uma mulher seminua, fazendo cara de sensual e perguntando “seu pagamento saiu, né?”. Na antepenúltima imagem, há uma moça jovem abraçada com um senhor mais velho e com o seguinte título de uma suposta manchete: “Bolsonaro assina decreto que obriga os velhos aparecerem nas fotos tiradas em lanchas”. Aqui, vemos que o homem velho, apesar de sua velhice, é retratado como sendo passível de ter acesso a mulheres através de sua riqueza, inclusive a jovens e adolescentes¹⁴(retratadas nas duas últimas imagens).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização



14 Destaca-se a erotização da “novinha” e a referência a ser “tio”. O Brasil é um país que se caracteriza pela alta incidência de estupros, sobretudo de meninas e adolescentes, dentro de casa. Grande parte desses atos são cometidos por familiares ou conhecidos da família (CERQUEIRA, D.; COELHO, D.S.C.; FERREIRA, H.; 2017).

6) Rir (de forma cúmplice) de violências cometidas contra as mulheres

Nessa categoria, foram elencados os *posts* que retratavam situações comuns (muitas vezes, naturalizadas) de violências contra mulheres em nosso país, tais como traições conjugais, *gaslighting*, violência sexual, compartilhamento de nudes sem consentimento da mulheres e, até, feminicídio. Abaixo, selecionamos alguns exemplos que ilustram a categoria. No primeiro *post*, temos uma foto de 6 mulheres esbeltas, de biquíni e o seguinte título, “Pescaria para os amigos casados”. Há a proposta de um pacote turístico, seu preço e a oferta do produto: churrasco, bebida, “2 putas” para fazer um suruba e, ainda, peixes, água com cheiro de peixe e um manobrista para rodar com o carro em estrada de terra, para fingir que se foi realmente a uma pescaria e, assim, trapacear a parceira. Como já apontei em outro texto (ZANELLO, 2018), no Brasil a monogamia é um imperativo para as mulheres; já para os homens, existe a poligamia consentida (LAGARDE, 2011). Trair e enganar a parceira, na casa dos homens, não é só comum e natural, é mesmo desejável e risível.

O segundo *post* traz a imagem de uma mulher andando na rua, de short. Ele vinha acompanhado de um áudio, no qual se ouvia a voz de um homem de meia idade relatar a história da foto. Ele dizia que quase apanhou de sua mulher por ela pressupor que ele estava olhando para essa garota. Ao ser questionado “por que está olhando???”, ele respondeu para ela “é que nunca vi uma Kombi com roda de Opala”. Essa fala era seguida de muitas risadas. Trata-se de um exemplo clássico de *gaslighting*, no qual, estando acompanhado de sua esposa, o homem ficou encarando a bunda de outra mulher, mas quando questionado, mentiu descaradamente. No áudio, ele se gabava do suposto brilhantismo da desculpa oferecida. Na terceira imagem, vemos a foto de uma vagina¹⁵, comparada a um carro velho, “fodido”, mas que ainda “dava para o gasto” (ser mais fodido) e, por isso, tinha algum valor. No quarto *post*, tem-se a foto do goleiro Bruno, autor de um terrível feminicídio (no qual, esquartejou o corpo da mulher morta e ofereceu a cães, para desaparecer com os vestígios), após sua soltura da prisão e com uma nova namorada. Ao lado, há uma imagem de cães, em fila, segurando cada um uma bacia de alumínio. Faz-se menção, supostamente “humorada”, de que ela será a próxima vítima.

15 Aqui cabe o uso do termo “vagina”, pois a buceta é apresentada como não tão desejável assim...



Pescaria para os Amigos Casados

Pracife / de Setembro

Saida: 08:00h
Retorno: 20:00h
Valor: R\$ 480,00

Neste valor está incluso:

- Churrasco
- Bebida (whisky, cerveja, água)
- 2 putas pra cada um com direito a suruba
- Na volta, 2 peixes grandes e 3 pequenos pra cada um
- 2 litros de água de peixe para passar no corpo e tirar eventual cheiro de perfume
- 1 manobrista para rodar com o carro na poeira com os vidros abertos pra dizer que pegou estrada de chão

Vagas limitadas. Garanta já a sua reserva!! 14/23




Fuscaralho

Vendo fuscão ano 70,
R\$15.000,00 Tá meio fudido, mas
ainda aguenta Pau... kkk 17:56



Além dos *posts*, também houve vídeos, dentre os quais gostaria de destacar pelo menos um. Ele trazia duas jovens (de uns 18 anos) e um rapaz. As garotas estavam claramente bêbadas e o rapaz não. Ele ficava as incitando a tirar a roupa, se beijarem e, depois, fazerem sexo entre elas e com ele. E gravava tudo, independentemente do consentimento das meninas¹⁶. E não só isso, houve o compartilhamento sistemático desse vídeo em grupos de whatsapp, motivo pelo qual o recebi mais de duas vezes de informantes diferentes.

Além dessas categorias, as mais frequentes, também compareceram outros temas que, pelo curto espaço de um artigo, não podem ser apresentados. Dentre eles, gostaria de citar um, o antifeminismo. Não foram poucos os compartilhamentos de imagens que deturpavam o feminismo e as feministas, como por exemplo, a associação delas com falta de sexo e feiúra (em vários

16 Legalmente não há consentimento sem plena consciência, ou seja, sob efeito de álcool ou drogas.

posts, houve o compartilhamento de fotos comparativas de mulheres antes de serem feministas e depois. O objetivo era demonstrar como o feminismo supostamente faz mal para as mulheres, ao retirar sua preocupação com os atributos físicos e a “feminilidade¹⁷).

Conclusão

As masculinidades- como performances, mas também como emocionais- são interpeladas, promovidas/provocadas e configuradas por finos mecanismos sociais. Em países sexistas como o Brasil, o pilar organizador das masculinidades é a misoginia: o repúdio às mulheres e àquilo considerado como suas qualidades. Ser homem é, assim, não ser gay ou uma “mulherzinha”¹⁸. A homofobia, como já demonstramos em outros trabalhos, esconde em seu fulcro a misoginia.

A misoginia pode adquirir configurações diferentes, algumas claramente perceptíveis, outras até difíceis de identificar. Mas, de todas as formas, trata-se de uma maneira de perpetuar jogos de poder e hierarquias, nas quais o que está em xeque é o controle e o domínio. Os grupos de whatsapp masculinos estudados trazem à baila uma manifestação de misoginia muito comum em nosso país: a objetificação sexual de mulheres. Trata-se de certa forma de olhar que as transforma em corpos e pedaços de corpos cuja finalidade seria atender aos desejos sexuais masculinos- representados, como vimos, como irrefreáveis ou aos quais a renúncia seria quase impossível. E, por isso, seria na buceta onde residiria o poder das mulheres: não em sua inteligência, profissão, projeto de vida, empatia ou qualquer habilidade que as caracterize como humanas e não apenas *fêmeas*. Não à toa, são recorrentes os *posts* que implícita e/ou explicitamente comparam as mulheres e seus corpos a animais a serem comidos¹⁹.

Essa objetificação das mulheres é a principal forma de misoginia interpelada nos processos de subjetivação do tornar-se homem (heterossexual²⁰) em nosso país. Além disso, ela é marcada pela interseccionalidade de raça, etnia, classe social, formato do corpo e idade; ou seja, coloca mulheres diferentes em lugares distintos dessa objetificação, tornando algumas em meros corpos para uso e/ou dignas de escárnio. Ser capaz de provocar alguma ereção, nem

17 De certa forma, é como se houvesse um incômodo frente à libertação das mulheres em relação ao ideal estético. Se as mulheres se subjetivam na prateleira do amor, são os homens os eleitos a avaliá-las física e moralmente (ZANELLO 2018). Ou seja, a eles é outorgado um poder sobre elas. Desconstruir o ideal estético, é colocar em xeque essa distribuição de poder.

18 TEDx “Por que xingamos homens e mulheres de forma diferente?”. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=6kCoRgdeNNc>

19 ver Carol Adams (2012).

20 No caso de homens gays, é comum a desqualificação das mulheres, mais do que a suposta exaltação pela objetificação sexual.

que seja no final da festa ou da noite (sem nenhuma presa alternativa), deveria fazê-la agradecer pela benesse desse homem em “comê-la”.

É preciso, também, demonstrar ao grupo de iguais (outros homens, na broderagem), o exercício dessa performance, pois, como vimos, a confirmação identitária dos homens se dá via pares. Isso ocorre na “casa dos homens”, principalmente pela cumplicidade, construída ativa ou passivamente por eles, seja pela manutenção da lealdade acima de tudo, seja pela manutenção do segredo mesmo face a barbaridades que um outro homem possa cometer. É o que se constatou nos grupos de whatsapp estudados: ainda que alguns de seus membros não se manifestassem/reagissem ativamente face aos *posts* (dando curtidas, postando risadas etc.), mantiveram-se em silêncio, mesmo quando o *post* retratava, fazendo piada, situações de extrema violência, como o feminicídio de uma mulher. Não podemos saber se passaram-no adiante, para outros amigos, mas gostaria de apontar que tanto na reprodução do *post* quanto no silêncio omissivo, há cumplicidade. Há pactuação. Esse é o principal silêncio que mantém a casa dos homens. E, talvez, o mais difícil de ser quebrado.

Além disso, é preciso destacar que a objetificação sexual das mulheres e do que é considerado feminino, o qual se configura como uma certa *forma de olhar* o mundo e os outros, estende-se, como vimos, a temas de suma importância, desde a saúde pública ao desmatamento e aos direitos humanos. É uma espécie de *modelo/padrão*, no qual o que está em xeque, como performance e emocionalidade desejável, é a insensibilidade face à alteridade, pois se preocupar com essas questões ou se deixar tocar por elas, é visto como sentimentalidade exacerbada, fraqueza, coisa de gay, de mulherzinha. Em outras palavras, as masculinidades no país estão adoecidas e o impacto desse adoecimento é vasto e profundo, manifestando-se em índices sociais visíveis (como os da violência, citados no início do capítulo), mas também, em outros que talvez nem imaginássemos e que precisamos pesquisar melhor²¹.

Por fim, se o que o rege a casa dos homens é a lealdade e o silêncio cúmplice, gostaria de encerrar meu capítulo agradecendo àqueles que tiveram, ainda que parcialmente, a coragem de romper com a broderagem e contribuíram para esse estudo. Sem eles, seria impossível ter acesso a esses grupos. Somente com desertores da casa dos homens é que conseguiremos transformá-la.

21 Por exemplo, o tema urgente da preservação ambiental.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Carol. **A política sexual da carne**: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina. São Paulo: Alaúde, 2012.
- ARANGO, A. C. **Os palavrões – Virtudes terapêuticas da obscenidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- AZEVEDO, C. M.; ZANELLO, V. Tecnologias de gênero e dispositivo amoroso nos filmes da Disney. **Feminismos**, v. 2, p. 36-44, 2014.
- BADINTER, E. **XY De l'identité masculine**. Paris: Odile Jacob, 1992.
- BARDIN, L. **A análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOURDIEU, P. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1998.
- BUTLER, J. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. *In*: CASE, S.-H. (orgs.). **Performing Feminisms: Feminist Critical Theory and Theatre**. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1990. p. 296-314.
- CAVALCANTI, F. B.; ZANELLO, V.; ROMERO, A. C. Xingamentos entre homossexuais: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero?. **Revista Bioética** (Online), v. 23, p. 623-633, 2015.
- CERQUEIRA, D.; COELHO, D. S. C.; FERREIRA, H. **Estupro no Brasil**: vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014. Atlas da Violência. Brasília: IPEA, 2017.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do Eu. *In*: FREUD, S. **Obras completas**. 15. Tradução: P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-113. [Trabalho original publicado em 1921].
- GAMA, M.; ZANELLO, V. Dispositivo amoroso e tecnologias de gênero: uma investigação sobre a música sertaneja brasileira e seus possíveis impactos na pedagogia afetiva do amar em mulheres. *In*: SILVA, Edlene; OLIVEIRA, Susane; ZANELLO, Valeska (org.). **Gênero, subjetivação e perspectivas feministas**. 1. ed. Brasília: Technopolitik, 2019. p. 161-182.

GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. *In*: ARILHA, M.; UNBEHAUM, S. G.; MEDRADO (orgs.). **Homens e masculinidades**. Outras palavras. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001. p. 31-50.

IPEA. SIPS- Sistema de Indicadores de Percepção Social. **Tolerância social à violência contra as mulheres**. Brasília: IPEA, 2014.

IPEA / Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da violência, 2019**. Brasília; RJ; SP: IPEA / Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

KAUFMAN, M. Men, Feminism, and Men's Contradictory Experiences of Power. *In*: KUYPERS, J. A. (org.). **Men and Power**. Halifax: Ferwood Books, 1999. p. 59-83.

KIMMEL, M. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, ano 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

KIMMEL, M. "Bros before Hos" The guy code. *In*: **Guyland-The perilous world where boys become men**. Understanding the critical years between 16 and 26. New York: Harper Collins, 2009. s/p.

KIMMEL, M. Three and a half things men have learned from feminist scholarship. **Journal of Feminist Scholarship**, v. 1, 2011. Disponível em: <http://www.jfsonline.org/issue1/authorintro/kimmel/>. Acesso em: 2 jul. 2017.

KIMMEL, M. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção da identidade de gênero. **Equatorial**, v. 3, n. 4, p. 97-124, 2016.

LAGARDE, M. **Los cautiverios de las mujeres. Madresposas, monjas, putas, presas y locas**. Madrid: San Cristobal, 2011.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Tendências e Impasses – O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 206-242.

LEVINAS, E. **Totalidade e Infinito**. Tradução Portuguesa: José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revistas de Estudos Feministas**, Santa Catarina, n. 8, n. 2, p. 8-41, 2000.

PEDRO, J. M. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, v. 12, n. 22, p. 270-283, 2011.

PRECIADO, B. **Manifiesto contra-sexual – Prácticas subversivas de identidad sexual**. Madrid: Opera Prima, 2002.

SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. **Pelo cu. Políticas anais**. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015: homicídios de mulheres no Brasil**. Brasília: ONU/OPAS/SPM/Flacso, 2015.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista de Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

WELZER-LANG, D. **Les hommes et le masculin**. Paris: Payot, 2008.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

ZANELLO, V.; GOMES, T. Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade. **Caderno Espaço Feminino (UFU)**, v. 22, 2010.